

Bertold Brecht

Lições do Teatro ilusionista de Lula



Material de Pesquisa

www.oscarcalixto.com/material_de_pesquisa.htm

Lições do teatro ilusionista de Lula

Stela Guedes*

Observando a situação atual do país, os militantes de esquerda podem aprender de muitas formas. Para nós da Esquerda Socialista e Democrática, importa entender as ações econômicas e políticas desse governo para traçarmos seus limites e aprofundarmos de forma competente nossas críticas. Acho que temos feito isso bem e devemos melhorar. No entanto, interessa-me reparar mais de perto, a forma como esse governo se relaciona com o povo. Dessa observação podemos colher importantes lições para nossa atuação na construção do novo partido de esquerda no Brasil. Precisamos construir novas estruturas e relações verdadeiramente democráticas para garantir a participação efetiva de todos os militantes. Esse é um de nossos grandes desafios. Por isso, escrevi o que segue.

O espetáculo de Lula (que não é o do crescimento) - quando elegemos Lula para a Presidência da República compramos ingresso para um grande espetáculo. Mas que espetáculo e público são esses? Trata-se, sem dúvida, de um teatro aristotélico. No teatro de Aristóteles, entre outras características, o espectador é levado a identificar-se com o herói, aceitar seu destino e viver os sentimentos deste personagem como se fossem seus próprios sentimentos. A função fundamental desse espetáculo teatral é a catarse, que o próprio Aristóteles define como purgação das emoções de piedade e temor. É o que está acontecendo com a platéia Brasil, a depender do Lula herói.

No palco desse drama, há um ano, ele apela para a empatia com o público. Chora, se emociona, conta piadas, fala da mãe, chora outra vez, lembra que foi operário, quebra protocolos, anda com sua mulher Marisa Letícia pra lá e pra cá. É a mãe protetora. Quando necessário, o teatro de Lula também apela para o temor, outro elemento da catarse. Completamente identificado e anulado, o público sente que, se

não estiver com o herói e pronto para defendê-lo, estará contra ele e poderá ser punido e banido de sua companhia para sempre.

O teatro de Brecht - O dramaturgo alemão Bertolt Brecht (1898 -1956), opôs-se ferozmente ao teatro aristotélico, também chamado de naturalista e ilusionista. Dizia ele que o público desse teatro pendurava o cérebro na sala de entrada, junto com o casaco. Não é isso que o teatro de Lula vem fazendo? Apelando para que seu espectador deixe o cérebro pendurado do lado de fora, durante os quatro anos de governo, para julgá-lo apenas no final, quando as cortinas da longa peça se fecharem?

Em oposição ao teatro ilusionista, Brecht construiu o teatro épico e dialético que alterou profundamente todas as relações envolvidas na representação teatral. Para o diretor do teatro dialético, por exemplo, o ator não é mais um artista mímico que simplesmente incorpora um papel, mas é um funcionário consciente, esclarecido e que precisa, a todo o momento interrogar esse papel. Justamente por isso, para os atores do teatro de Brecht, o diretor não é mais aquele que transmite ordens para a obtenção da boa representação, mas é aquele que apresenta teses sobre as quais os atores devem tomar uma posição.

Um público alerta - o teatro ilusionista de Lula poderia aprender com todas essas lições do teatro épico e dialético de Brecht, principalmente na relação deste teatro com seu público. Nosso dramaturgo alemão sabia que a nova arte que propunha exigia um novo tipo de espectador, um espectador que para ele, não deveria ser arrancado de seu mundo para ser levado ao mundo da arte, mas ao contrário deveria ser introduzido em seu próprio mundo real, com os sentidos alertas.

Para Brecht, o espectador não era um amontoado de pessoas anestesiadas. Era sim uma assembléia permanente de indivíduos interessados, cujas exigências seu teatro precisava satisfazer. Ao contrário do que muitos dizem, Brecht não era contrário ao envolvimento emotivo. O que ele odiava no teatro naturalista era sua intenção de enganar e alienar tanto os atores como seu público. Brecht não aceitava uma dramaturgia que mostrasse os fatos da vida como naturais, porque essa era a via de considerar natural que tudo permaneça imutável. O que lhe, portanto, repugnava era a captura ilusionista e a anulação do espectador através de atmosferas dramáticas e lacrimojantes. E não é o que faz o teatro ilusionista de Lula quando enfraquece o caráter coletivo do público? Com certeza, Brecht odiaria a paciência que o teatro de

Lula pede a seus espectadores.

Todos somos especialistas - este dramaturgo excepcional exigiu de seu tempo um pouco mais de luz sobre o palco e foi tão fiel a essa exigência que as engrenagens do funcionamento de suas peças ficavam evidentes para o público. Tão afeito às metáforas esportivas, Lula poderia ver o público de seu teatro como Brecht via o dele. Para este, o espectador de teatro deveria se comportar como o público de estádios esportivos, onde, todos os da arquibancada são especialistas, entendem as regras do jogo, sabem exatamente como o jogador deveria armar a jogada, e como o juiz deveria julgá-la. Se não se sente contemplado, grita, xinga, invade o gramado e sabe-se lá o que mais. No teatro de Brecht essa posição cabia ao povo. No teatro de Lula só cabe aos banqueiros. Em 2003, enquanto a economia brasileira ficou estagnada, os lucros das sete maiores instituições financeiras atingiram R\$ 13,39 bilhões.

Em mais uma tirada ilusionista, para tentar minimizar a péssima repercussão de seu espetáculo em cartaz, "*Waldomiro, o avarento*", o teatro de Lula está utilizando a estratégia de anunciar notícias positivas e ignorar a crise política. Mais uma vez seu drama ilusionista poderia aprender com o dramaturgo alemão. Numa reunião de artistas, onde se discutia os grandes feitos do teatro na época do fascismo na Alemanha, Brecht, indignado, deixou claro: "*as técnicas que servem para ocultar a realidade, não podem ser as mesmas usadas para aclarar a realidade*". A estratégia de Lula não está dando certo.

E nós? - por fim, em um colóquio sobre teatro, Brecht respondeu à pergunta que servia como guia dos debates - "O mundo atual pode ser reproduzido pelo teatro?" – da seguinte forma: "*O mundo atual só pode ser reproduzido para os homens do presente se for descrito como um mundo em transformação*". Ao contrário do que o teatro de Lula evidencia, esse espetáculo em cartaz com todo seu cenário e atuações ilusionistas não é nada natural e, se atendermos ao apelo de Brecht, mostraremos que podemos modificá-lo. Acredito firmemente que Brecht ainda tem muito a dizer a todos nós. Infelizmente não tenho ilusões de que o governo Lula possa ouvi-lo. Contudo, nós que nos propomos criar novas relações de poder nessa sociedade e na própria estrutura do novo partido que nos lançamos a construir, temos a obrigação de entendê-lo.

*Jornalista e militante do MTL

